

A AQUISIÇÃO DA ESTRUTURA SILÁBICA E SUA RELAÇÃO COM O ACENTO PRIMÁRIO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO *

Raquel Santana SANTOS

RESUMO Neste artigo, discute-se a aquisição da estrutura silábica e sua relação com a acentuação no processo de aquisição. Ao se discutirem as diferentes propostas para o algoritmo de acento primário em PB, observou-se que muitos deles fazem referência à informações de outros domínios prosódicos. Isto significa dizer que o algoritmo de acento primário não é independente, mas está em interação com outros aspectos da linguagem. Uma vez que as propostas de acento primário para o português brasileiro levam em conta o peso silábico na atribuição do acento primário (cf. Bisol 1992, Massini-Cagliari 1995, 1999a, 1999b), a aquisição da estrutura silábica interessa à discussão da aquisição do acento primário, pois pode (ou não) influenciar sua aquisição. Os resultados das análises deste artigo apontam para o fato de que a aquisição da estrutura silábica ocorre de cima para baixo no arcabouço silábico e que as crianças não lidam com o peso silábico no processo de acentuação.

ABSTRACT In this article, I discuss the acquisition of syllable structure and its relation with the word stress in the acquisition process. Many different proposals for the algorithm of word stress in Brazilian Portuguese make reference to other prosodic domains, which means that the algorithm of word stress is not independent, but interacts with other aspects of the language. Since some of these proposals for word stress in Brazilian Portuguese take in account the syllable weight (cf. Bisol 1992, Massini-Cagliari 1995, 1999a, 1999b), the discussion about the acquisition of the syllable structure is relevant to the discussion of the word stress. It is argued here that the acquisition of syllable structure occurs in a top-down fashion and that children do not take the syllable structure as part of the algorithm for word stress.

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 11 de dezembro de 2001, sob orientação da Prof^a Dr^a Ester Mirian Scarpa.

1. A AQUISIÇÃO DA ESTRUTURA SILÁBICA

Várias propostas de aquisição silábica sugerem que a criança adquire a estrutura silábica num processo *top-down* (Demuth 1995, Fikkert & Freitas 1997, Freitas 1997, 1998). Segundo Freitas (1997), os parâmetros responsáveis pela estruturação silábica do português europeu são: Ataque mínimo >> Rima ramificada >> Núcleo ramificado >> Ataque máximo. R. S. Santos (1998) e Mezzomo & Menezes (2000) discutem a proposta de Fikkert & Freitas à luz de dados do Português Brasileiro. Mezzomo & Menezes discutem a ordem da marcação paramétrica. Segundo as autoras, os parâmetros de especificação da rima (rima ramificada e núcleo ramificado) não especificam a ordem da emergência segmental do português brasileiro. R. S. Santos também questiona a ordenação proposta por Fikkert & Freitas, sem, no entanto, discutir a marcação paramétrica. A autora concentra-se principalmente na distinção proposta por Bisol (1992) para os ditongos.

O processo de aquisição silábica de R. e T. segue o seguinte caminho:

As estruturas **V** e **CV** são as primeiras que aparecem, já presentes nas primeiras sessões analisadas, como nos exemplos de (1) – (5):

- (1) ['bo.la] = bola (R.1;5.10) (4) [a.'ki] = aqui (T.1;5.21)
(2) ['e.si] = esse (R.1;6.6) (3) [sī.'dew] =acendeu (T. 1;5.3)
(5) ['ga.ku] = gato (T.1;6.4)

A partir de 1;11 é possível encontrar dados de estrutura **V** em posição medial em R. e em T., como em (6) – (8) :

- (6) ['lu.ɐ] = lua (R.1;11.12) (8) [ke.'ri.a] = queria (R.2;1.5)
(7) [pa.'gaj.ɔ] = papagaio (T. 1;11.14/1;11.29)

Nos dados (9) e (10), T., mesmo apresentando a estrutura **V** num período inicial, modifica o enunciado de forma a conformar-se com a estrutura **CV**:

- (9) [pi.'ru.rɐ] = perua (T. 1;11.14)
(10) [ko.'le.lu] ~ [ko.'je.ja] = coelho (T. 2;3.18)

A estrutura **CVC** começa a ser produzida por volta de 1;6 por ambas as crianças, mas só seis meses depois se torna produtiva. Mesmo para essa estrutura, os segmentos consonantais finais não aparecem ao mesmo tempo. No entanto, para R. e T., foi concomitante o surgimento dessa estrutura quer no final, quer no meio de palavras:

- /s/ é o primeiro segmento que surge, aos 1;5.18 para T. e 1;6.22 para R., mas se torna mais produtivo aproximadamente seis meses depois:

- (11) [us] = luz (T.1;5.18) (13) [is.'ko.lɐ] = escola (R. 1;6.22)
(12) [gaz.'go] =engasgou (T.2;1.10) (14) [dos] = dois (R.1;8.25)

- /l/ ocorre como [w] a partir de 1;11 para R. e 2;3 para T.:

- (15) ['baw.dʒɪ] = balde (T.2;3.11) (17) ['sɔw.tɛ] = solta (R.1;11.2)
(16) [pa.'pɛw] = papel (R.1;11.2) (18) [aw.'mo.su] = almoço (R.2;0.20)

Este segmento pode ser substituído por [j] ou omitido:

- (19) ['ka.sɛ] = calça (R.1;7.21) (21) ['kaj.sɛ] = calça (R.1;11.3)
(20) [ba.di.'se] = balde (R.1;8.25)

- /N/ podem manter apenas o traço de nasalidade, ser omitidas, substituídas por glide [j], ou rossilabificadas. Já são encontrados em 1;11 em R. e 1;5 em T.:

- (22) [sɛ.'dew] ~ [sɛj.'dew] = acendeu (T. 1;5.2/1;5.10/1;5.18/1;6.10)
(23) [sɔ.bj.ɲɛ] = sombrinha (R.1;11.12) (26) [tɛj] = tem (R.2;0.5)
(24) [di.'sa] = dançar (T. 1;11.29) (27) [tã.'mɛj] = também (R.2;0.5)
(25) ['ɔ.mi] = homem (R.1;11.12) (28) [mɔ.'tã.nu] = montando (R.2;0.27)

- /r/ surge a partir de 2;0 para R. e 1;10.23 para T.:

- (29) ['pɔr.ku] = porco (T. 1;10.22) (30) ['fɔr.tʃɪ] = forte (R.2;0.5)
(31) [pɛr.'dʒɪ] = perdi (R.2;0.5) (32) ['kar.tu] = quarto (R.2;0.5)

Esse segmento aparece, antes, substituído por [j] ou [w] ou omitido:

- (33) [a.pɛj.'ta] = apertar (T. 1;7.12) (37) [taw.ta.'lu.gɛ] = tartaruga (R.2;3.12)
(34) ['pɔj.tɛ] = porta (T. 1;7.12) (38) ['pɔ.ku] = porco (T.1;7.12/1;10.22)
(35) [ko.'laj] = colar (R.1;8.25) (39) ['u.su] = urso (T.1;11.29/2;0.11)
(36) ['pɔj.tɛ] = porta (R.1;10.20) (40) ['be.su] = berço (R.1;6.29)

As seqüências vocálicas **VV** na mesma estrutura silábica surgem, também, logo no início do período analisado, por volta de 1;5. O fato de se encontrar uma seqüência de vogais não necessariamente significa que R. esteja trabalhando com ditongos. A seqüência de vogais pode ser resultado de substituição de um fonema por outro, ou de ditongação.

i. Substituições

As substituições são resultado da não-aquisição ou da falta de domínio na produção de certos segmentos vocálicos. Com exceção de /r/, só há algumas substituições esporádicas. Como os casos de substituição em coda já foram apresentados acima, apenas as substituições em posição de *onset* serão foco desta seção:

- /r/ pode ser substituído por [l], por [j] ou ser omitido (neste último caso, podendo haver rossilabificação):

- (41) [si.'lo] = cheiroso (T. 1;7.29) (44) [a.'lej.a] = areia (R.1;6.29)
 (42) [ba.'lu.ʎu] = barulho (T.2;0.21) (45) [va.'li.nɐ] = varinha (R.1;9.9)
 (43) [na.'i.zɪ] = nariz (T.2;1.10) (46) [kɛw] = quero (R.1;11.12)

- /x/ pode ser produzido como [w] ou omitido (havendo ressilabificação):

- (47) [si.'gaw] = cigarro (R.1;8.25)
 (48) [kaw] ~ ['ka.wo] = carro (R.1;8.25) (T.1;11.29/2;0.21)

- /ʎ/ pode ser produzido como [l] ou [j] ou omitido:

- (49) [fo.'ĩ.jɐ] = folhinha (T.1;11.29) (51) ['po.lu] = espelho (R.1;6.22)
 (50) [ko.'je.ja] ~ [ko.'le.lu] = coelho (T. 1;11.14)

- /ʒ/ pode ser substituído por [w]:

- (52) [wa.'le.lɐ] = janela (R.1;6.3)

- /l/ pode ser substituído por [w]:

- (53) [sa.'kɔ.wɐ] = sacola (R.1;6.29) (54) ['bɔ.wɐ] = bola (R.1;6.29)

- /ɲ/ pode algumas vezes ser omitido (podendo haver ressilabificação):

- (55) [pi.'kĩw̃] = porquinho (T.1;7.12) (57) [ga.li.'ĩ.a] = galinha (R.1;11.25)
 (56) [ka.'tʃia] = plaquetinha (R.1;8.0) (58) [ta.fe.'zĩ.ju] = cafezinho (R.1;11.25)

Todos os casos apresentados apontam para a capacidade de produção de um determinado fonema. O que está em questão não é a estrutura silábica, mas dificuldades referentes a processos normais de aquisição (cf. Hernandorena 1992). Por isso, esses dados não são considerados como ditongos propriamente ditos, mas um processo fonético de ditongação, ocorrido na interface com o sistema AP (articulatório-perceptual).¹

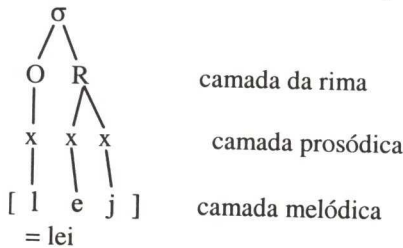
Não é objetivo deste trabalho fazer um levantamento exaustivo da aquisição fonológica de R. e T., nem dos processos de substituição envolvidos. Só foram apresentados aqueles que poderiam resultar numa outra estrutura prosódica; isto é, substituições de segmentos consonantais por vocálicos. A discussão sobre ressilabificação, na seção 1.1.1, no entanto, mostrará que a estrutura silábica (CVC) é preservada quando há substituição.

¹ Para uma discussão sobre a relação entre o sistema fonológico e os sistemas de interface, cf. Chomsky 1993, 1995.

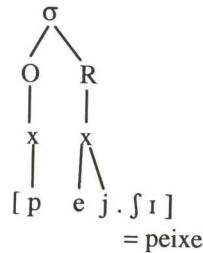
ii. *Ditongos*

Para facilitar a discussão, a apresentação dos dados dividirá a aquisição dos ditongos em crescente e decrescente, e este último em leves e pesados. Segundo Bisol (1989), os ditongos pesados preenchem duas posições no *tier* prosódico, enquanto que os ditongos leves preenchem apenas uma posição, como representado em (59):

(59) a) ditongo pesado



b) ditongo leve



- ditongos decrescentes

Segundo Bisol (1989), os ditongos decrescentes podem ser leves ou pesados. É possível encontrar ditongos pesados logo no início do período analisado (1;6 para R. e 1;5 para T):

- | | |
|---------------------------------------|--|
| (60) [sē.'dew] = acendeu (T.1;5.3) | (64) [ka.'iw] = caiu (R.1;7.?) |
| (61) [po.'kãw̃] = porcão (T.1;7.12) | (65) [do.'dɔj] = dodói (R.1;8.0) |
| (62) [sa.'pew] = chapéu (T.1;7.29) | (66) [pej.'tʃi.ju] = peitinho (R.1;8.25) |
| (63) [vaj] = vai (R.1;6.29) | (67) [bo.tãw̃.'zi.ju] = botãozinho (R.1;8.25) |

Os ditongos leves também são encontrados para R. e T. bem inicialmente, mas tornam-se mais frequentes a partir de 1;11. Para T. eles só se tornam frequentes a partir de 2;4. Muitos desses ditongos são resultados de inserção de um glide homorgânico a uma vogal nasal ou pelo espraçamento do traço palatal da consoante seguinte à vogal:

- | | |
|--|--|
| (68) [aj.'so] = achou (T.1;6.10) | (69) [tã.'bēj] = também (T.2;4.26) |
| (72) [pa.ra.'bējs] = parabéns (T.2;2.28) | (70) [lujs] = luz (T.2;6.27) |
| (71) ['ow.te] = outra (R.2;0.5) | (74) [vejs] = vez (R.1;11.12) |
| (73) [fe.'fow] = fechou (R.2;0.20) | (75) [maj.'sa] = amassar (R.1;11.12) |

- Sequências V-glide-V

Este tipo de seqüência aparece com mais freqüência a partir de 2;0. Formam um ditongo decrescente pesado seguido de vogal:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| (76) [a.'lej.ɐ] = areia (R.1;6.29 / 2;0.27 / 2;6.0) (T.2;4.26) | |
| (77) [pa.pa.'gaj.ɐ] = papagaio (R.2;0.27) (T.1;11.14/2;2.3) | |
| (78) ['fej.ɐ] = feia (R.2;2.2) | (79) [ba.'lej.ɐ] = baleia (R.2;2.2) |

- Seqüências *glide-V-glide*

Este tipo de seqüência surge para os casos [gu-] e [qu-]. Esses casos são considerados como segmentos complexos [k^w] e [g^w] e preenchem uma estrutura CV simples.² A seqüência, então, é um ditongo decrescente, que é produzido a partir de 2;11 para R. e 2;5 para T.:

- (80) ['i.'gwaw] = igual (T. 2;5.18) (81) [kwaw] = qual (R.2;7.21/3;0.7/3;0.25)



Antes disso, a seqüência é produzida como V-*glide*:

- (82) ['i.gaw] = igual (R.2;11.6/ 3;1.8/ 3;4.9) (T. 2;5.18)

- ditongos crescentes

Segundo Bisol (1989), os ditongos crescentes são sempre pesados. A formação glide-vogal é resultado de ressilabificação, e são rimas de duas sílabas diferentes na estrutura subjacente, ocupando duas posições no esqueleto prosódico.

Numa seqüência CGV, G preenche a posição de *onset* (cf. (83a)), mas se o *onset* já é ramificado, então G preenche a rima (cf. (83b)):

- (83) a)  = Cláudia
- b)  = criatura

Este tipo de ditongo foi encontrado nos dados de R. a partir de 2 anos, e 2;2 para T.:

- (84) [e.'lo.3ju] ~ ['o.lju] = relógio (T.2;2.28)
- (85) [is.'to.rja] = história (R.2;0.27/2;3.12) (89) [e.'lo.3ju] = relógio (T.2;2.28)
- (86) [ba.'ka.rju] = aquário (T.2;3.11) (90) ['ze.mjus] = gêmeos (R.2;3.6)
- (87) ['kaw.d3ja] = Cláudia (T.2;5.11) (91) [ki.'to.lju] = escritório (R.2;3.19)
- (88) [pu.'li.sja] = polícia (T.2;5.11) (92) [sã.'da.lja] = sandália (R.2;5.15)

Os ditongos pesados tendem a ser mais produzidos a partir dos 1;11. A produção de ditongos como duas sílabas não é freqüente, mas a produção de ditongos não esperados (resultado de ressilabificações) aumenta a partir de 2;0.

A estrutura CCV, isto é, com *onset* ramificado, surge aos 2;0 para R. e 2;2 para T, tanto para /l/ quanto para /r/:

- (93) [is.'tre.le] = estrela (T.2;2.28) (97) ['grã.d3i] = grande (R.2;0.20)
- (94) ['plas.ti.ku] = plástico (T.2;3.4) (98) ['dê.tru] = dentro (R.2;0.20)
- (95) ['pe.dru] = Pedro (T.2;3.4) (99) [flor.'zi.je] = florzinha (R.2;0.20)

² Para uma discussão sobre o assunto, cf. Cristóvão Silva 1995 e Bisol 1999.

(96) [pri.va.'dʒĩ.jɐ] = privadinha (R.2;0.12) (100) [ʃi.'kle.tʃɪ] = chiclete (R.2;3.19)

T. produz apenas um caso de coda ramificada (**CVCC**) aos 2;2, envolvendo segmento nasal + fricativa. Ocorre neste caso, como na forma adulta, a inserção de uma vogal nasalizada no lugar da consoante nasal. Essa configuração não ocorre nos dados de R.

(101) [pa.a.'bɛjɐ] = parabéns (T.2;2.28)

1.1. Ressilabificações

Os casos de reorganizações estruturais não são muitos. Uma possibilidade de ressilabificação é devida a segmentos ainda não adquiridos, como já apresentado na seção anterior (cf. (46),(47),(48), (55), (56)).

Foram apenas três casos de hiatos ressilabificados em ditongos:³

(102) [kaj.li.ju] = coelhinho (R.1;8.25) (104) [ʔtʃa.gu] = Tiago (T.2;11.9)

(103) [vjo.'lãw] = violão (T. 2;10.18)

A estrutura **CVC** também pode ser modificada para conformar-se a **CV.CV**:

(105) [na.'ri.ze] ~ [na.'i.zɪ] = nariz (T. 2;1.10/2;1.18)

(106) [ʔlu.zɪ] = luz (T. 2;3.18/2;5.11/2;5.18)

(107) [a.'zu.lu] = azul (T. 2;5.11) (109) [pĩ.'gĩ.jɐ] = pingüim (R.2;2.19)

(108) [kĩ.'ta.lu] = quintal (T. 2;9.27)

Os dados (107) e (108) indicam que T. sabe que a coda da sílaba é preenchida fonologicamente por uma líquida, e não por uma semi-vogal. O dado (109), apesar de ser um caso único, pode ser tomado como evidência, ao lado do processo de ressilabificação para o morfema {-ndo} (cf. (28)), de que para R. a nasal preenche a posição de coda da sílaba; não é somente um traço de nasalidade na vogal.

Nas fases em que esses dados são produzidos, outros enunciados apresentam estruturas silábicas **CVC**, sem ressilabificação (cf. dados (11) – (14), (29) – (32)). Assim, não se pode advogar que essa ressilabificação ocorre por causa de uma estrutura ainda não adquirida. Por outro lado, esses processos de ressilabificação indicam que, mesmo quando há substituições, as crianças têm, para essas seqüências, a estrutura **CVC** e não **CVV**.

Como discutido para as seqüências *glide-vogal-glide*, os casos de [qw-] e [gw-] são considerados como segmentos complexos [k^w] e [g^w]. A produção dessa seqüência depende da aquisição desses segmentos. Esses segmentos preenchem uma estrutura **CV** simples, muito embora a criança possa silabar, separando os dois segmentos vocálicos. Trata-se, no entanto, de um processo fonético, no sistema AP: (110) [ku.'a.tu] = quarto (T. 2;5.18)

³ Esses casos também são variações encontradas no nível fonético do falante adulto de português.

Os ditongos decrescentes são, algumas vezes, transformados em duas sílabas:

- (111) ['fo.ɔ] = achou (T.1;6.10) (114) [pe.'ge.ɪ] = peguei (R.1;10.20)
 (112) [pi.'pi.ɔ] = piu-piu (T. 1;6.24) (115) ['se.ɔ] = seu (R.1;11.25)
 (113) [law.'vi.ɔ] = navio (T. 2;5.18) (116) ['me.ɔ] = meu (R.1;11.25)

Não foram encontrados casos em que R. ou T. produzissem ditongos crescentes como duas sílabas.

T. produz, a partir de 2;4, ditongos resultantes de processos de junturas. Em R. essa produção é menor. R. produz apenas um caso de juntura, aos 3;0.15, que resulta em ditongo (cf. (122)). As ocorrências são mais de elisão do que de ditongação:

- (117) [kwa.'lej.a] = com areia (T.2;4.26) (123 [da.'ki] = dá aqui (R.2;0.27)
 (118) [naj.s.'ka.kɛ] = na escada (T.2;5.2) (124 [ʒa.ka.'bo] = já acabou (R.2;7.2)
 (119) [i.su.'mew] = isso é meu (R.2;0.5)
 (120) [daw.pe.'tãw] = dá um apertão (T.2;6.12)
 (121) [ma.ri.e.'mi.lja] = Maria Emília (R.3;0.7)
 (122) [taw.mo.'sã.du] = tá almoçando (R.3;0.15)

Houve apenas um caso de *onset* ramificado ressilabificado:

- (125 [fo.'lɔ.rɛ] = Flora (R. 2;7.29)

R. apresenta, a partir de 1;5, estruturas V, CV e CVV. A partir de 1;11, encontram-se constituintes do tipo V medial e CVC. Os casos de *onset* ramificado CCV aparecem a partir de 2;0. De 0;11 a 1;1, a produção de T. é toda de balbucios. Até 1;5 a produção é do tipo CV e V. De 1;5 a 1;8, encontram-se também os constituintes CVC e CVV. Os constituintes V medial surge a partir de 1;11. Somente a partir de 2;2 é que se encontram sistematicamente constituintes CCV(C). Um resumo do percurso de aquisição da estrutura silábica está em (126):

(126)

	V		CV	CVC	CVV		CCV	CVCC	
	Inicial	Medial		Inicial e medial	Ditongo Decrescente				
					Pesado	leve			
T. 1;4	2;2	1;4	1;5 /s/		1;5	2;4	2;1	2;2	2;2
			2;3 outros						
R. 1;5	1;11	1;5	1;11		1;6	1;5	2;0	2;0	

Os resultados de R. S. Santos (1998) vão de encontro à proposta de Fikkert & Freitas (1997), uma vez que o esperado seria que os constituintes CVC aparecessem antes dos constituintes CVV, e não ao mesmo tempo ou ao na ordem inversa, como ocorre para T. e R., respectivamente.

Uma possível explicação seria a de que a criança que adquire o Português Brasileiro está mais exposta a constituintes silábicos do tipo VV do que as crianças

expostas ao Português Europeu.⁴ Outra hipótese, mais plausível, seria observar os tipos de seqüências **VV** encontradas, isto é, se essas seqüências eram formadas por ditongos leves (que ocupam duas posições na camada melódica, mas apenas uma na camada prosódica) ou pesados (que ocupariam duas posições na camada prosódica). Assumindo que o ditongo pesado tem a mesma estrutura que **CVC**, pois preenche duas posições no *tier* da rima, pode-se supor que surjam ao mesmo tempo. Pode-se observar que é o que ocorre com T., mas não com R.. Da mesma forma, uma vez que ditongo crescente é *onset* ramificado, o esperado seria que surgisse ao mesmo tempo em que *onset* ramificado, ou pouco depois, uma vez que esse ditongo depende de processo de ressilabificação. Tanto os dados de T. quanto de R. confirmam essa expectativa. Para T., de 1;5.21 a 2;7.19 há mais ditongos considerados pesados do que leves. A partir de 2;8.17 a 3;0.5, a diferença tende a diminuir. R. tem um desenvolvimento parecido: de 1;4.12 a 1;9.8 são encontrados mais ditongos pesados do que ditongos leves. A partir de 1;10.0 a distribuição entre os ditongos leves e pesados passa a ser igualitária.

Uma análise dos ditongos como a de Bisol (1989) permite explicar porque não há uma ordenação entre os parâmetros de ramificação de rima e núcleo, tal como encontrados por Mezzomo & Menezes (2000), e por que é possível que as seqüências **CVV** e **CVC** surjam no mesmo período para os sujeitos de R. S. Santos (1998). Esta análise de Bisol também permite a aproximação das propostas de Lamprecht (1990) e S. S. Santos (1990) com a proposta de Fikkert & Freitas (1997), que assume quatro estágios na aquisição da estrutura silábica, como em (127):

Estágio I	CV e V
Estágio II	CVC (a segunda C é uma nasal ou glide)
Estágio III	CVC (a segunda C é uma fricativa)
Estágio IV	CCV

Segundo a autora, pode haver inversão nos segundo e terceiro estágios; isto é, adquirir a coda fricativa antes da nasal ou *glide* (como ocorre com T.). Estes estágios apontam para um processo de aquisição que vai do topo da estrutura (*onset* - rima) em direção aos níveis mais baixos da mesma (rima ramificada). Assim como na aquisição de outros processos prosódicos (cf. Santos 2001; Scarpa 1995, 1997), trata-se de um processo *top-down* de aquisição.

⁴ Fikkert & Freitas (1997) usam este tipo de argumento para explicar porque as crianças falantes do Português Europeu aprendem a estrutura de núcleo ramificado muito mais tardiamente em comparação com as crianças que aprendem o Holandês, em que tal estrutura seria mais saliente.

2. A AQUISIÇÃO DA ESTRUTURA SILÁBICA E A ACENTUAÇÃO

As propostas de Lamprecht (1990), S. S. Santos (1990) e os resultados de R. S. Santos (1998) não corroboram a proposta de que a estrutura silábica tem um papel na atribuição do acento. Isto porque as propostas de acentuação, como Bisol (1992) e Massini-Cagliari (1995) assumem que o PB é uma língua de pé trocaico moraico, o que significa que a última sílaba, se for de rima ramificada, recebe uma marcação acentual. Observe (128):

(128) . *
 [va . raw] = varal

Se, por outro lado, a sílaba final for leve (sem rima ramificada), o acento recai na segunda sílaba, como em (129):

(129) * .
 [bo.lu] = bolo

Em (130), nota-se que outro fator a ser considerado é que o peso silábico não tem nenhum papel no algoritmo de acentuação se não estiver em posição de sílaba final:⁵

(130) * .
 [kar. bo.nu] = carbono

O algoritmo de acentuação de Bisol (1992), pode-se dizer que ele é resultado de dois parâmetros: peso silábico e posição da sílaba pesada, isto é, se a língua considera ou não peso silábico, e se a posição da sílaba pesada na palavra tem alguma influência na atribuição do acento. Essa hipótese de sensibilidade ao peso silábico, pelo PB, será trabalhada a seguir, considerando inicialmente o peso silábico.

Segundo a teoria de Princípios e Parâmetros, os parâmetros têm inicialmente um valor *default*, que é modificado quando a criança encontra em sua língua evidências de um outro valor. Como Freitas (1998) assume que o valor *default* para o português é não-sensibilidade ao peso silábico, esta hipótese será considerada primeiro.

Uma questão se coloca a partir dos dados: de acordo com Fikkert & Freitas (1997), se uma estrutura tem uma importância no sistema lingüístico (como seria o caso do peso silábico), ela deveria ser mais saliente para a criança. Voltando aos

⁵ No caso de proparoxítonas como *máscara*, *cântaro*, *último*, apesar de a sílaba com rima ramificada poder ser interpretada como atraindo o acento de palavra, a proposta de Bisol é de que "palavras com acento na antepenúltima sílaba serão analisadas como se possuíssem uma rima ou parte dela invisível, i.é., o último segmento será considerado extramétrico" (1989: 188).

dados, o que se encontra é que a criança transforma uma sílaba pesada em duas sílabas, de modo a formar um pé trocaico silábico, com exceção dos vocativos:

- | | | | |
|---------------------|-----------------------|---------------------|-----------------------|
| (131) [pe.'ge.ɪ] | = peguei (R. 1;10.20) | (135) [na.'i.zɪ] | = nariz (T.2;1.10) |
| (132) ['se.ʊ] | = seu (R. 1;11.25) | (136) [a.'zu.lu] | = azul (T.2;5.15) |
| (133) ['me.ʊ] | = meu (R.1;11.25) | (137) [kī.'ta.lu] | = quintal (T.2; 9.27) |
| (134) [law.'vi.ʊ] | = navio (T. 2;5.18) | (138) [mǎ.mǎ.'je] | = mamãe (T.2;1.18) |

Em (131) – (134) R. e T. analisam a seqüência CVV como constituída por uma sílaba CV e outra V (são casos menos freqüentes). Em (135) – (137), T. re-analisa a estrutura silábica, inserindo uma vogal de modo a analisar o segmento que preenche a coda como o *onset* da sílaba seguinte. No caso de (137), segundo a proposta de Bisol (1989), tanto [kī.'taw] quanto [kī.'tal] são analisados como tendo a última sílaba preenchendo duas posições no *tier* prosódico, sendo, portanto, uma rima ramificada, o que caracteriza peso silábico.

No entanto, estes dados não desconfirmam a hipótese de que o valor *default* para esse parâmetro seja sensibilidade para o peso silábico, pois as crianças estão transformando as sílabas pesadas em duas sílabas leves, preenchendo ainda a forma trocaica de pé. Porém, se o valor *default* é sensibilidade ao peso silábico, o esperado seria que a criança sempre acentuasse as sílabas pesadas finais. O que se encontra nos dados, porém, é que, nas palavras não oxítonas com sílaba pesada final, a criança não erra o acento:

- | | | | |
|--|---|--------------------------|------------------------|
| (139) [e.'lɔ.ziw]~['la.siw]~['le.zɐ] | = relógio (T2;2.3) (R.2;2.2) | | |
| (140) ['vǎ.mu] | = vamos (R. 1;11.25/2;0.5/ 2;0.27/ 2;1.6) | | |
| (141) ['o.bus] | = ônibus (T.2;0.21/ 2;0.26/2;1.17) | | |
| (142) [is.'tɔ.rja] | = história (R2;0.27/2;2.2/2;7.2) | | |
| (143) ['ka.ja] | = Cláudia (T. 1;11.29) | (147) [xe.pi.'tʃi.dɐs] | = repetidas (R.2;1.16) |
| (144) ['su.kɐ] | = açúcar (T. 2;2.28) | (148) ['ʒe.mjus] | = gêmeos (R.2;3.6) |
| (145) ['ɔ.ku.lus] | = óculos (T.2;2.28) | (149) [ki.'tɔ .liw] | = escritório (R2;3.19) |
| (146) [pu.'li.sja] | = polícia (T.2;5.11) | (150) ['o.ni.bus] | = ônibus (R.2;4.19) |

Outra possibilidade é considerar que as crianças têm como valor *default* a não sensibilidade ao peso silábico. Neste caso, esperar-se-ia que ela assumisse que a acentuação fosse sempre em forma de troqueu silábico, ou seja, acentuando a penúltima sílaba das palavras, mesmo que a sílaba final seja pesada. Voltando aos dados, tem-se:

- | | |
|--|---|
| (151) [sē.'dew]~[ǐ.'dew]~[sī.'diw] | = acendeu (T. 1;5.3/1;5.10/ 1;5.18/ 1;6.10) |
| (152) [ka.da.'doj] ~ [ga.da.'doj] | = gravador (R. 1;7.21) |
| (153) [pa.'paw] | = chapéu (R. 1;6.29/1;7.??/1;7.13) |
| (154) [ka.'iw] | = caiu (R. 1;7.??/1;7.13/1;7.21) |
| (155) [ba.la.'lǎw̃] | = cavalo (literalmente, <i>cavalão</i>) (R. 1;9.8) |

- | | |
|---------------------------------------|---|
| (156) [pi.'ga] = pegar (T.1;5.10) | (159) [sa.'pew] = chapéu (T. 1;7.29) |
| (157) [aj.'so] = achou (T. 1;6.10) | (160) [si.'giw] = conseguiu(T.1;7.29) |
| (158) [de.'ta] = deitar (T. 1;6.24) | (161) [pwi.'tãw] = capitão (T.1;11.2) |

Nesses dados, a criança acentua corretamente as sílabas pesadas finais.

No que se refere à questão de o processo de aquisição da estrutura silábica obedecer a certos estágios, seria de se esperar que a criança, num momento inicial, quando só tenha sílabas **V** e **CV**, só produzisse palavras paroxítonas, pois as sílabas pesadas finais não existiriam para atrair o acento. Como apontado em R. S. Santos (1998), no entanto, os dados indicam que as crianças produzem mais palavras dissílabas com acento final do que com acento inicial. Para T., até 1;7.8 a maior parte de seus enunciados é do tipo (. *); no entanto, deve ser ressaltado que se trata de verbos na língua adulta, de modo que não há “erros” na acentuação:

- | | |
|---|---------------------------------------|
| (162) [sê.'dew] = acendeu (T.1;5.3 / 1;5.18 / 1;6.10) | |
| (163) [pi.'ga] = pegar (T.1;5.10) | (165) [de.'ta] = deitar (T. 1;6.24) |
| (164) [aj.'so] = achou (T. 1;6.10) | |

É somente a partir de 1;7.12 que a produção de paroxítonos aumenta, envolvendo em sua maioria palavras pertencentes à categoria dos nomes (cf. (166) – (167), (173)), e também alguns verbos no imperativo (cf. (168) – (169)). Neste mesmo período, os oxítonos começam também a apresentar nomes (cf. (170) – (172)):

- | | |
|---------------------------------------|--|
| (166) ['poj.te] = porta (T. 1;7.12) | (170) [po.'kãw] = chapéu (T. 1;7.12) |
| (167) ['po.ku] = porco (T. 1;7.12) | (171) [sa.'pew] = chapéu (T.1,7.29) |
| (168) ['pe.ge] = pega (T. 1;7.12) | (172) [si?'ri] = siri (T.1;10.22) |
| (169) ['u.sɐ] = puxa (T. 1;7.12) | (173) ['ga.tu] = gato (T.1;11.29) |

R., desde o início, tem nomes paroxítonos e oxítonos em seus enunciados (cf. (174) – (176)), e verbos oxítonos (cf. (177) – (178)):

- | | |
|--|-------------------------------------|
| (174) [kɔ.'kɔ] = cocó (R. 1;5.18/ 1;6.6) | (177) [a.'bo] = acabou (R.1;6.6) |
| (175) ['bɔ.wa] = bola (R. 1;5.10) | (178) [a.'bu] = abrir (R. 1;5.10) |
| (176) ['be.tu] = berço (R. 1;6.29) | |

Os verbos paroxítonos só vão aparecer a partir de 1;7.13:

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| (179) ['te.lu] = quero (R. 1;7.13) | (181) ['sɛj.te] = senta (R. 1;7.13) |
| (180) ['ka.dɛ] = guarda (R. 1;7.13) | |

Como é possível observar, no que se refere ao possível valor *default* para o peso silábico, as produções da criança não obedecem nem à sensibilidade (pois ignoram sílabas pesadas finais produzindo paroxítonos) nem à insensibilidade (pois

mesmo em períodos iniciais as crianças produzem oxítonos). Essas parecem ser evidências de que a criança não lida com o constituinte “pé trocaico”, quer silábico, quer moraico. A criança lida com um constituinte binário, mas a cabeça não é marcada (nem à esquerda, nem à direita).

A outra questão relacionada à proposta de Bisol (1992) e Massini-Cagliari (1995, 1999a e 1999b), que também diz respeito ao peso silábico, é a direcionalidade do algoritmo (borda direita da palavra, da direita para a esquerda), isto é, se este também é um parâmetro a receber um valor, deve-se levar em conta a possibilidade de que o parâmetro de direcionalidade seja fixado depois do de sensibilidade, e neste caso, esperar-se-ia encontrar sílabas pesadas não-finais (ou iniciais, isto é, na borda inicial da palavra) com acento. Esse tipo de dado não é muito comum nos enunciados das crianças, pois são necessários enunciados com duas ou mais sílabas com a sílaba inicial pesada e não portadora de acento lexical na língua alvo. No entanto, este não é o caso, como é possível observar-se nos dados abaixo:

- (182) [ka.'ka] ~ [ga.'da] = guardar (R. 1;6.22/ 1;11.3)
 (183) [gaz.'go] =engasgou(T. 2;1.10) (184) [is.'ko.lɛ] = escola (R.1;6.29)
 (185) [pej.'tʃi.ju] = peitinho (R.1;8.25) (188) [mãw.'zi.jɐ] =mãozinha(R. 1;8.25)
 (186)[ka.le.'ti.ju] =carneirinho(R.1;8.25) (189) [kũ.sej.'ta] =consertar(R.1;11.12)
 (187) [ku.ku.'ku.lɛ] = tartaruga (R.1;8.25) (190) [bĩ.'kej] =brinquei(R.1;11.12)

Assim, se a direcionalidade é um parâmetro, sua marcação deve ocorrer antes da marcação do peso silábico.

3. CONCLUSÃO

Observa-se nos dados de R. e T. que as estruturas silábicas (CVV e CVC) surgem aproximadamente ao mesmo tempo. Esta ordem de aquisição não é explicada se se assume simplesmente uma proposta *top-down* de aquisição (primeiro a rima ramificada, depois o núcleo). Essa ordem, no entanto, é capturada pela proposta de Bisol (1989), de que ambos (CVV – ditongos pesados - e CVC) preenchem duas posições no *tier* prosódico. Os ditongos leves são resultados de processos fonológicos (assimilação, vogal homorgânica) e surgem posteriormente. Neste caso, explica-se que a criança vai adquirindo as ramificações mais baixas da estrutura silábica e, portanto, pode-se dizer que a aquisição é *top-down*.

Em nenhum dos dados do período analisado, R. e T. modificam a acentuação das palavras devido ao peso das sílabas constituintes das palavras. Pode-se então concluir que os sujeitos não estão levando em conta o peso silábico como parâmetro para a atribuição de acento. Uma vez que as crianças produzem, desde cedo, paroxítonas com sílaba pesada final, e oxítonas com sílaba leve, não se pode

defender que as mesmas estão lidando com o pé trocaico, quer moraico, quer silábico. Se estão lidando com algum constituinte métrico, este é binário, mas pode ser trocaico ou iâmbico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, L. (1989). O ditongo na perspectiva da fonologia atual. em *DELTA* vol.5 nº 2, 185-224 EDUC: São Paulo.
- _____. (1992). O acento e o pé métrico binário. Em *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº 22, 69-90. Ed. da UNICAMP: Campinas.
- _____. (1999). A sílaba e seus constituintes. em Neves (org) *Gramática do Português Falado* vol. VII - novos estudos Humanitas/ UNICAMP.
- CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on Government and Binding: The Pisa lectures*. MIT Press: Cambridge.
- _____. (1993). The minimalist program for linguistic theory. em K. Hale & S. J. Keyser (eds) *The view from building 20*, 1-52. MIT Press: Cambridge.
- CRISTÓFARO SILVA, T. (1995). A silabificação da seqüência de oclusiva velar e glide posterior. em *Cadernos de Pesquisa do NAPq Especial* vol. II, 7-17 FALE/UFMG: Belo Horizonte.
- DEMUTH, K. (1995). Markedness and the development of Prosodic Structure. Em *Proceedings of the NELS*.
- FIKKERT, P. & M. J. FREITAS. (1997). Acquisition of syllable sstructure constraints: evidence from Dutch and Portuguese. em SOLRACE; HEYCOCK & SHILLCOCK (eds) *Proceedings of the GALA '97 Conference on Language Acquisition*. Edinburgh.
- FREITAS, M.J. (1997). Aquisição da Estrutura silábica do Português Europeu. Tese de doutorado. Lisboa.
- _____. (1998). Os segmentos que estão nas sílabas que as crianças produzem: localidade silábica e hierarquia de aquisição. Em *Atas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística* vol.1 Lisboa.
- HERNANDORENA, C.L.M. (1992). O estabelecimento de padrões de substituição consonantal através de traços distintivos. em *Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. PUCRS: Porto Alegre.
- LAMPRECHT, R.R. (1990). Perfil da Aquisição Normal da fonologia do português - descrição longitudinal de 12 crianças: 2;9 a 5;5 Tese de doutorado PUCRS: Porto Alegre.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1995). Cantigas de Amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em português. Tese de doutorado. UNICAMP: Campinas.
- _____. (1999a). O conceito de pé como unidade rítmica: trajetória. Em SCARPA (org). *Estudos de Prosódia*. 113-140. ed. UNICAMP: Campinas.
- _____. (1999b). Acento em português: uma abordagem métrica. Em AGUILERA (org). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. 37-58. ed. UEL: Londrina.
- MEZZOMO, C. & G. MENEZES. (2000). Comparação entre a aquisição da estrutura da sílaba no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE). comunicação apresentada no V ENAL/ I EIAL. PUCRS: Porto Alegre.

- SANTOS, R. S. (1998). A aquisição da estrutura silábica. Em *Letras de Hoje* vol.33 n.2 (n.112) 91-98 PUCRS: Porto Alegre.
- _____. (2001). A Aquisição do acento primário no português brasileiro. Tese de doutorado. UNICAMP: Campinas.
- SANTOS, S.S. (1990). O desenvolvimento fonológico: estudo longitudinal sobre quatro crianças com idade entre dois anos e dois meses a dois anos e oito meses. Dissertação de mestrado. PUCRS: Porto Alegre.
- SCARPA, E.M. (1995). When syllables are utterances. comunicação apresentada no II Statistical Physics, Pattern Recognition and Grammar Selection : São Sebastião.
- _____. Learning external shandi: evidence for a top-down hypothesis of prosodic acquisition. em SORACE, HEYCOCK & SHELLCOCK (eds.) *Proceedings of the GALA'97 Conference on Language Acquisition*, 272-277. Edinburgh.